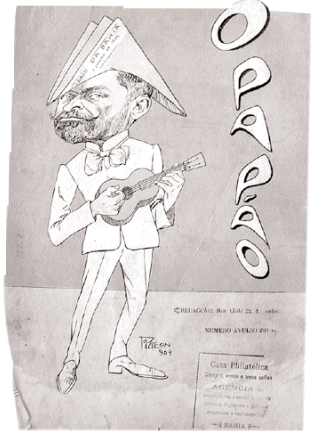


EDITORIAL

Bicha solta



Imagens das capas das edições do Papão no ano de 1904



o O PAPÃO REAPARECE E NÃO POUPA NINGUÉM NESTE CARNAVAL. Só o Lança, Lança está proibido, em defesa dos aborrecidos.

O mano poeta de Santo Amaro da Purificação cantava lá pelos anos 60: "Você tenha ou não tenha medo, nego, nega, o Carnaval chegou". Pois bem, O bicho anda solto na cidade outra vez. Tudo indica, neste período de farra e orgia, que o melhor mesmo é botar uma careta ou se despir de quaisquer escrúpulos.

Quem sabe, fazer como o excelentíssimo presidente do Tribunal de Justiça do Estado: meter a cara na rua.

Alguns comedimentos é necessário, no entanto. Não precisa, por exemplo, ter a cara exposta em 16 fotos na mesma edição do Diário do Poder Judiciário, onde o magistrado é citado pelo menos 126 vezes. A troça domina a cidade, é verdade, mas ainda assim há excesso evidente de caras, autolouváveis e uso impróprio da chamada coisa pública no DPO.

Eia, estamos na Bahia/ onde agrada a adulação/onde a verdade é baldão/ e a virtude hipocrisia, já bradava Gregório, o ferino Boca de Brasa, do Século XVII, em Salvador. Portanto,

que ninguém se assuste tanto, ou deixe de gozar os quatro dias de farra que Momo propicia a partir deste sábado. Afinal, se tudo é Carnaval, quase tudo é permitido por aqui. Por enquanto, proibido mesmo na folia 2005 só a música Lança, Lança, do Manno Góes, sucesso da banda

Jammil. Silenciada por decisão do juiz da 2ª Vara de Tóxicos e

Entorpecentes, atendendo à solicitação de caturro Delegado de Polícia. Ambos convencidos, aparentemente, de que a música é um estimulante mais eficiente do que o velho Biotônico Fontoura para a sedução e vício da garotada de hoje no cheirinho nascido em Buenos Aires e batizado no Paraguai.

Igualzinho, já se vê, aos anos 50, quando os pais ou avós dos aborrecidos do Bonfim Ligth eram fans livres e inveterados do perfume argentino. Até o finado Jânio Quadros aparecer para proibir o cheiro que animou alguns dos melhores carnavais da Bahia e do País. Fora isso, é bom evitar igualmente excessos de feijoadas e de bocas-livres. Sobre tudo as ofertadas pela principal promotora do pedaço. Estas não só viciam como podem causar bruta indigestão e botar a perder o animado carnaval do Papão.



O Papão em versão, 2005

ABRIU-SE A CAIXA DE PANDORA

Essa é a história de uma moça curiosa, que resolveu mexer numa caixa misteriosa/ só não podia imaginar o que iria sair/ até ver uns mostrengos de lá emergir/ soltos, por aí, passaram para a história, como os sete pecados da caixa de Pandora/ Luxúria, gula, inveja, ira, vaidade, avareza, preguiça são tropeços fáceis de se cair com certeza/. No Carnaval, eles encontram terreno fértil para se expandir/ afinal ninguém é de ferro para tanto resistir/ mas tome cuidado, estamos de olho/ vamos você alertar para depois que pecar/ tomar o caminho de volta ao bom caminho/ afinal no fundo da caixa de Pandora tinha uma fadinha chamada esperança, gente boa pra caramba/ e disposta a trazer você de volta quando tudo acabar e a porta escancarada para o prazer na quarta-feira de cinzas se fechar.



TRAVESSÃO

— Colombina, o diabo, o mundo e... outras armas do mal causam-me um medo profundo, mas... depois do carnaval! ”

Diálogo entre uma colombina e um pierrot na capa da revista A Luva, de 1º de março de 1929

ARTIGO CID TEIXEIRA

Historiador

Ontem, Carnaval

o É do meio do XVII. É de uma cidade solene com seu vice-rei, seus alcaides, meirinhos, procuradores do Senado da Câmara que nos vem notícia documentada do entrudo transplantado da Portugal para este novo mundo. É desta cidade do Salvador que, também tinha povo e tinha, também, já em numero apreciável, escravos negros, excedidos dos muitos levados para o eito da cana de açúcar. É o meio do século dezessete e é, através de um soneto, que nos chega a notícia do que era o entrudo, antepassado lusitano do Carnaval. Ninguém menos do que Gregório de Matos registrou o evento:

Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas,/Galinhas, porco, vaca e mais carneiro,/Os perus em poder do pasteleiro/Esguichar, deitar pulhas, laranjadas. Esfarinhar, por rabos, dar risadas,/Gastar, para comer, muito dinheiro./Não ter mãos a medir o taverneiro(...) Querem em um só dia comer tudo. Não perder arroz nem cuscus quente/Despejar pratos e alimpar tigela/Estas as festas são do Santo Entrudo.

Nos versos do "Boca do Inferno", muito a explorar. Falam dos três dias anteriores ao início da quaresma com todos os seus rigores penitenciais. Jejum e tristezas, vozes em sussurro, frequência continuada às igrejas, ladainhas domésticas.

Imaginemos aqueles saudosos migrantes e seus filhos aqui nascidos metidos em bródios ali pelo Terreiro de Jesus, pela rua Direita dos Mercadores, pela Ajuda e por demais logradouros da área. Zoadia muita, para contrastar com os silêncios obrigatórios que se anunciavam para os dias da páscoa.

Já no século XVIII fala-se em esginchos e laranjinhas. Vale a pena lembrar o que eram.: Imaginemos uma macro bisnaga; algo com cerca de um metro e êmbolo de tamanho equivalente. Enchia-se de líquido (de bom ou de mau cheiro) e ia-se se espargindo nos passantes, de acordo com o gosto, a intimidade. Cortesias e mal entendidos a cada passo. Com a laranjinha o contato era à distância. Pequenas esferas de cera da terra - camada fina - cheias - de água perfumada ou de líquidos asquerosos. Tais e tantos os mal entendidos e conflitos que foram ambos, os artefatos, policialmente proibidos. Assim atravessamos o século XVIII até chegarmos ao XIX.

As facilidades de intercâmbio foram fazendo conhecidos carnavais de outras terras; o daqui mesmo foi incorporando ritmos negros, a vida foi mudando. As elites já falavam em carnaval (e recebiam figurinos) de Nice, de Veneza, de Paris; Os afoxés e os ritmos afro em geral conquistavam seus lugares. Nasciam os chamados "grandes clubes": o Club Carnavalesco Cruz Vermelha, o Club Carnavalesco Fantoques da Euterpe e, "correndo por fora" mas, nem por isso menos presente, o Club Carnavalesco Inocentes em Progresso. Era o fim do século XIX e começos do século XX.

Era-se adepto do Cruz Vermelha ou dos Fantoques como, hoje, alguém possa ser e mais ferrenho torcedor de um time de futebol. O "Inocentes em Progresso", com uma proposta que levou até o final dos seus dias, de crítica aos costumes e à política, em metier de torcida, era uma espécie de "coluna do meio". Foi assim até a primeira guerra mundial (1914-1918). Daí as dificuldades de importação e, mesmo mudanças de mentalidade foram esmaecendo os chamados grandes clubs.

E a percussão negra tomando o seu lugar. Afoxés que outra coisa não eram senão candomblés dessacralizados já desfilavam e competiam. Vindos de São Gonçalo do Retiro, da Calçada, da Estrada do Rio Vermelho faziam o circuito da Baixa dos Sapateiros sem "ousar" porém subir a Barroquinha e chegar à área tacitamente reservada à "elite". É a época dos grandes afoxés: Otum Oba de África, Filhos de Oxum são alguns. Os clubes de préstito se retraem, reservando-se para bailes em suas sedes e as batucadas tomam conta da cidade, dividindo, no começo das noites, o espaço com o "corso" - automóveis de capota arriada exibindo as fantasias dos bailes burgueses.

Na década de 30, recrudescimento dos grandes clubes. Com a beleza de sempre mas, já sem o entusiasmo dos assistentes desfilam Cruz Vermelha, Fantoques e Inocentes. Até que batidos pelos preços da Segunda Guerra. Começa aí um período de transformações. Blocos e cordões se multiplicam. Uns perduraram; outros, de vida breve. Bamba sem dendê, Vai levando, Deixa a Vida de Quelê e muito etc. Os filhos de Gandhi e o Olodum se estruturam e dão exemplo a verdadeiras potências organizacionais do Carnaval baiano.

Os ritmos e as modas não param na sua permanente recriação. Um dia, Dodô, Osmar Macedo e um terceiro equiparam uma "fubica" com uns instrumentos recriados e nasceu o Trio Elétrico. Houve quem desconfiasse ser possível o sucesso numa cidade embalada à percussão, estranha aos ritmos próximos do frevo pernambucano. Enganaram-se. Bastou que Caetano Velloso desse a palavra de ordem: Atrás do Trio Elétrico só não vai quem já morreu para que, todo mundo - muito vivo - fosse logo atrás. Ali, nasce, efetivamente a fase atual da música carnavalesca baiana.



GENTIL

P O M B O
CORREIO

GOSTO DUVIDOSO

Esses senhores que se dizem artistas e que são, infelizmente, formadores de opinião para os jovens e adolescentes, antes de "lançar" na mídia músicas de gosto duvidoso que induzem o uso de drogas, deveriam visitar centros de recuperação de drogados para constatarem, *in loco*, o sofrimento de jovens e familiares na luta contra a dependência de entorpecentes e afins.

ANTONIO JOSÉ DOS ANJOS BRITO - SALVADOR - BA

QUEM VAI SER O PIOR?

Entre *contregum*, mosquito que "pica", xô arauina e muitas outras "obras - primas" musicais, que tentam de alguma forma fazer sucesso trazendo algum tipo de elemento africano, fica difícil escolher qual ou quem vai ser o pior do Carnaval 2005. Não que eu seja avessa ao axé ou Carnaval, muito pelo contrário, mas não dá para suportar esse derrame de gosto duvidoso. É pior do que isso são as coreografias, principalmente a campeã, feita por um grupo de figuras masculinas, geralmente depois da praia, com suas suaguinhas, embalados por um som potente de um carro. Dançando em círculos, uns olham para os outros, acreditado que apreciando a forma física, e remexendo os quadris, como se tivessem se contorcendo de dor. É no mínimo grotesco! Michael Jackson perde feio!! Felizmente, podemos contar ainda com artistas que estão vacinados contra a "picada" desses "mosquitos".

CINARA REGINA DOS SANTOS MARBACK
SALVADOR - BAHIA

DE PEÃO A BARÃO

Pra curtir o Carnaval/ até mesmo quem está mal/ esquece que a dor existe.../ Cinco dias de folia/ Dia e noite, noite e dia/ Quem é mesmo que resiste? Nem os preços do abadá/ da cerveja ao abará/ intimidam o folião/ que apesar de ganhar mal/ quando chega o Carnaval/ tira onda de barão.../ É um derrame de cerveja/ que sobre a pele poreja / de tanto se consumir/ e o folião argumenta: a loirinha é quem me agüenta/ sem ela eu não sei sorrir. E lá vai o trio elétrico/ de um tamanho quilométrico/ descendo e subindo a rampa/ Atrás desse camafeu/ só não vai quem já morreu/ é o que diz o autor de Sampa. Chega, então, a quarta-feira/ e com ela a choradeira/ do final da grande festa. Alguns curtem outra cerveja/ outros entram lá na igreja/ pra tomar cinza na testa.

NILSON BARRETO
SALVADOR - BA

Os responsáveis pela cobertura do Carnaval 2005 concham a seus leitores de A TARDE para que deem uma "mãozinha" na homenagem que será feita a um seu primo ilustre "O Papão", durante os dias de folia. Nesse período estamos libertando as comportas do humor em nossas páginas. Para participar dessa missão tão ao sabor lúdico dessa festa nos mandem cartas, mensagens, achados e perdidos escritos numa linguagem bem humorada, tipo "perdi o meu amor/ lhe peço por favor/ se a encontrar, a amar bem forte, para que ela não se solte, pelo menos até o Carnaval acabar". Ficamos gratos. O contato será pelo Alô Redação 340-8990 ou aloredacao@atarde.com.br

A TARDE FUNDADO EM 15/10/1912

Propriedade da Empresa Editora A TARDE S.A. Membro da Sociedade Interamericana de Imprensa. Sócio-fundador da Associação Nacional de Jornais (ANJ). Filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC)

Presidente: REGINA SIMÕES DE MELLO LEITÃO

Superintendente: RENATO SIMÕES

Diretor-Geral: EDIVALDO M. BOAVENTURA

Editor-Chefe: FLORISVALDO MATTOS

SEDE: Salvador - Rua Professor Milton Cayres de Brito, nº 204 - Caminho das Árvores. CEP 41822-900. Tel.: Redação (Reportagem e Editoriais): (71) 340-8900 (busca automática). PABX: (71) 340-8712/8713. Departamento de Publicidade - Tel.: (71) 340-8757/8731. Fax: 340-8710. Departamento de Circulação Capital - Tel.: (71) 340-8612. Fax: 340-8732. Endereço telegráfico: TARDE. / SUCURSAIS - Rio de Janeiro (RJ) - Rua da Alfândega, 91, s/206. Tel.: (21) 2224-3086. Telex: 21-21086. Fax: (21) 2507-9375. CEP 20070-001. São Paulo (SP) - Rua Araújo, 70, 7º andar. Telex: (11) 259-6111/6532. Fax: (11) 258-6977. CEP 01200-020. Brasília (DF) - SCS, Edifício Central, salas 1.001/8. Telex: (61) 226-0543/1343. Fax: (61) 224-9300. CEP 70304-0800. Aracaju (SE) - Representação Comercial: RV Propaganda e Comunicação Ltda - Rua T2, nº 148 - Bairro Farolândia Conjunto Augusto Franco. CEP: 49030-220 - Fone: (79) 248-4259 - Camagari (Metropolitana) Praça Abrantes, 22 - Edifício Abrantes, sala 102 - Camagari - Ba - Tel: (71) 627-4929 - Fax: (71) 627-4945 - Barrerias (BA) - Av. Presidente Vargas, 110 sala 2 (Rua do Cais). Telefax: (77) 611-4444/ 611-4590. CEP 47800-000. Eunápolis (BA) - Av. Porto Seguro, 511, Ed. Dinâmica Center, Sala 102-A. Tel: (73) 281-7650. Fax: (073) 281-7650. CEP 45820-000 - Feira de Santana (BA) - Av. Getúlio Vargas, 2020 - Capuchinhos - Telefone - (75)-825-1044 - Fax - (75)-825-1037 - Itabuna (BA) - Av. Cinquentário, 312 - Centro Empresarial Sul - salas 101 e 102 - Centro. Telex: (73) 211-4462/4268. Fax: (73) 212-6088. CEP 45600-000. Jequié (BA) - Representação Comercial: Lu Leis Publicidade - Rua da Itália, 16 Edifício Rio das Contas, sala 201 Centro. CEP: 45200-190 Fone: (73) 525-0333 - Juazeiro (BA) - Rua 7 de Setembro, 76 - Centro Tel.: (74) 611-7992. Fax: (74) 611-7912. CEP 48900-000. Santo Antônio de Jesus (BA) - Av. Roberto Santos, Shopping Itaguari 2º piso - Tel.: (75) 631-3010. Fax: (75) 631-3920. CEP 44570-000. Vitória da Conquista (BA) - Rua Ascendino Melo, 256 sala 201 - Centro. Tel.: (77) 422-1965. Fax: (77) 422-2802. CEP 45100-000.



(71) 200-1234



(71) 534-0104



(71) 340-8990

Segunda a sexta: 8 às 20h
Sábados, domingos e feriados: 8 às 13h
e-mail: aloredacao@atarde.com.br

ASSINATURAS: Bahia e Sergipe
(Preço promocional)

Mensal: R\$ 44,00
Semestral: R\$ 253,00
Anual: R\$ 486,00



(71) 271-8550

De segunda a sexta-feira
das 7 às 18h30
Sábados, domingos e feriados
das 7 às 13h

VENDA AVULSA: Dias úteis Domingos
Bahia e Sergipe R\$ 1,75 R\$ 2,75
Demais estados R\$ 4,00 R\$ 5,00

REPRESENTANTE PARA TODO O PAÍS:
PEREIRA DE SOUZA E CIA. LTDA: (21) 2544-3070 / (11) 3259-6111